

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest	Trim.	N.º à entrega
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 585

25 DE MARÇO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Cactano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Inaugurou-se na sexta feira 15 do corrente, nas salas da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, a 5.ª exposição do Gremio Artístico, com assistencia de Suas Magestades as Rainhas as sr.ª D. Amelia e a Sr.ª D. Maria Pia, El-Rei D. Carlos, que é tambem um dos expositores e dos mais distinctos e brilhantes, Sua Alteza o Infante D. Affonso, muitas damas da nossa primeira sociedade, artistas, homens de letras e amadores de pintura.

A exposição não se avanta muito ás dos annos anteriores, mas tem alguns quadros de notavel valor, e em geral não envergonha os artistas portuguezes e mantem os bons creditos do Gremio Artístico, que negavelmente presta revelantes serviços á arte nacional. São innumerables os trabalhos expostos, occupam quatro salas e firmam os nomes de artistas gloriosos e d'amadores illustres, como os de El-Rei D. Carlos, José Velloso Salgado, José Malhó, Antonio Ramalho, Roque Gameiro, conde d'Almedina, João Vaz, Luciano Freire, Antonio Baeta, João Galhardo, D. Josepha Garcia Greno, Julio Costa, Arthur Prat Leopoldo Battistini, M.^{lre} Zce Wanthelet, D. Emilia Adelaide Santos Braga, Viscondessa de Sistello D. Virginia Santos, D. Emilia Mascarenhas, discipulas de Malhó, José d'Almeida e Silva, Antonio José da Costa, A. Machado, D. Alice Grillo, Torcato Pinheiro, Ferreira da Costa, Thomaz de Mello Junior, D. Maria Antonia de Magalhães, Viçoso May, Christino da Silva, Benaruss, Vieira de Mello, Marguente Chabry, Correia Brandão, Eduardo Burnay, D. Clementina Ogando, Alvaro de Saldanha, João Cabral, Nicolau Bigaglia, Ribeiro Arthur, Adães Bermudes, Luciano Lallemand, Alfredo de Moraes, D. Sarah de Vasconcellos, Alexandre Soares, Costa Motta, Netto, Eduardo Cypriano dos Santos, etc.

A exposição tem sido muito concorrida e tem sido já adquiridos por amadores muitos dos quadros que estavam para vender.

A'cerca do merecimento da exposição, a critica dos jornaes tem sido muito desencontrada, tão desencontrada, que não é facil por ella fazer opinião.

Ao passo que uns artigos dizem maravilhas da exposição, outros põem-n'a pelas ruas da amargura dizendo d'ella cobras e lagartos.

Evidentemente ha exagero de parte a parte, exagero no elogio exagero na censura e a exposi-

ção se não é tão boa como uns dizem, está longe de ser tão má como outros pretendem e melhor seria se a invernia demorada que tem havido em Portugal, tivesse deixado concluir alguns estudos de paysagem começados e interrompidos por causa do mau tempo, e se não tivessem já partido para Paris, para o Salon, alguns dos melhores quadros dos nossos artistas mais distinctos.

O publico e a imprensa de Lisboa festejou ha noites um dos artistas brasileiros mais illustres a cujo talento já em tempo o OCCIDENTE prestou devida e justa homenagem, o laureado *maestro* Carlos Gomes, o glorioso auctor do *Guarany* e do *Condor*. Carlos Gomes esteve uns cinco ou seis dias na nossa capital, vindo d'Italia e de passagem para o Pará, para onde partiu no dia 21 do corrente. A empreza do theatro de S. Carlos sabendo que Carlos Gomes estava em Lisboa dedi-

cou-lhe uma das suas recitas, fazendo n'essa noite executar pela orchestra a symphonia do *Guarany*.

Carlos Gomes assistiu ao spectaculo n'um camarote onde foi muito cumprimentado e onde recebeu uma ruidosa ovação depois de executada a symphonia do *Guarany*, que foi *bisada* e a que deu um desempenho brilhante a orchestra de S. Carlos sob a direcção do illustre *maestro* Goula.

A Real Sociedade dos Amadores de Musica dedicou tambem ao festejado compositor brasileiro um sarau vocal e instrumental, no salão do theatro da Trindade, sarau em que foram executados, com notavel maestria e ruidosos applausos, alguns trechos de operas de Carlos Gomes, como a symphonia do *Guarany* e uma aria de *Salvator Rosa*, cantada por M.^{lre} Mirés.

O illustre *maestro* foi muito victoriado pelo publico e a seu turno applaudiu muito os distinctos amadores que tão notavel desempenho deram á sua musica e o *maestra* Victor Hussla, que tão brilhantemente os dirigiu, e sahiu de Lisboa gratissimo pelas sympathicas homenagens de que entre nós foi alvo.

Essas homenagens foram justissimas porquanto Carlos Gomes é um artista de primeira ordem em toda a parte, uma gloria brasileira que é ao mesmo tempo uma gloria da musica contemporanea. Tendo feito a sua educação musical em Milão, foi ahí que elle debutou como compositor de operettas e de revistas e foi ahí que ha 25 annos, em 1870, deu a sua primeira grande opera, o *Guarany* que teve grande exito no Scala, onde foi pela primeira vez e onde foi creado pela prima dona Maria Sass, a creadora da Africana, e pelo barytono Maurel que então ainda não era celebre.

Em Lisboa foi o *Guarany* dado pela primeira vez em S. Carlos, d'ahi a 10 annos, em 1880, desempenhado pela Herminia Borghimamo, tenor Tamagno e barytono Pandolphini.

Agradou muito, foi posta em scena com grande esplendor de scenario e de guarda roupa. O *Guarany* é a unica opera de Carlos Gomes nossa conhecida, mas o illustre compositor brasileiro escreveu depois d'ella muitas outras, *Maria Tudor*, o *Escravo*, o *Condor*, o *Salvador Rosa* e a *Tosca* que passa por ser a sna obra prima.

Com as festas e as homenagens feitas pelo publico e pela imprensa de Lisboa ao illustre *maestro* brasileiro, coincidiu a noticia d'um acontecimento que nos é gratissimo a todos nós portuguezes, a noticia do restabelecimento das relações diplomaticas entre Portugal e o Brazil, devendo chegar por estes dias a Lisboa a um illustre diplomata brasileiro, o sr. Assis Brazil, que foi nomeado representante dos



CONSELHEIRO PEDRO AUGUSTO DE CARVALHO

— FALLECIDO EM 30 DE DEZEMBRO DE 1894

(Copia de uma photographia)

Estados Unidos do Brazil em Lisboa e devendo partir n'um dos proximos paquetes para o Rio o nosso novo embaixador n'aquella republica o eminente escriptor e nosso presado amigo o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro.

A colonia portugueza no Rio de Janeiro prepara grandes festas para solemnizar a chegada do illustre estadista portuguez, do mesmo modo que a colonia brasileira em Lisboa solemnizará com banquetes festivos a chegada do novo representante do Brazil, e de Lisboa para o Rio, como do Rio para Lisboa tem-se já trocado cordeaes telegrammas de felicitações por haver terminado o conflicto que tão desastrosamente viera interromper as relações amigaveis e fraternas das duas nações.

E fallando do Brazil não podemos deixar de registrar aqui o grande exito que acaba de alcançar em Lisboa com as suas interessantes conferencias sobre a litteratura brasileira um dos mais illustres ornamentos d'essa litteratura, o sr. Valentim de Magalhães, que ha semanas está entre nós.

O nosso estado de saude não nos permittiu assistir a essas conferencias, nem nos consentiu fazer conhecimento pessoal do illustre escriptor brasileiro, cujo notavel talento muito presamos pelas suas obras, que temos em alto apreço, mas o exito d'essas conferencias foi grande no nosso meio litterario e felicitamol-o sinceramente por elle.

O acreditado e intelligente livreiro o sr. Antonio Maria Pereira que tantos e tão relevantes serviços está prestando ás nossas lettras, publicando quotidianamente livros portuguezes dos mais importantes e valiosos, está editando em volume as conferencias de Valentim de Magalhães, revistas e ampliadas pelo illustre conferente e quando esse volume sahir a publico teremos occasião de apreciar o interessante trabalho do distincto escriptor brasileiro e de, a esse trabalho, nos referirmos largamente.

Nos theatros de Lisboa appareceram já algumas das novidades que noticiavamos no fim da nossa ultima chronica: em D. Maria deu-se a nova peça do sr. Eduardo Schwalbach, *Santa Umbelina*, que foi muito bem recebida pelo publico e pelos jornaes: em S. Carlos cantou-se a *Manon Lescaut* que foi tambem applaudida mas que não teve o exito que era de esperar da sua nomeada e do successo que tem tido nos outros theatros: na Trindade ainda se não representou a nova peça, a *Fada do Amor* mas apresentou-se um quadro novo na revista *Sal e Pimenta*; na Rua dos Condes, fez-se com applauso a *reprise* da *Tosca*; para beneficio da actriz Amelia Vieira, no theatro de D. Amelia representou-se uma zarnuela nova de Chapi, que teve grande exito em Madrid, *El Tambor de Granaderos* mas ainda se não estreiou a companhia de quadros vivos.

E de theatros não houve mais novidades a não ser uma novidade triste, a da morte d'um artista em quem ha muitos annos se não fallava, que a grande maioria do publico theatral de hoje nunca viu representar, mas que teve o seu momento de celebridade: o actor Trindade.

O Trindade era filho d'um medico muito conhecido em Lisboa, o dr. Trindade, que nos annos do cholera e da febre amarella prestou na capital relevantes serviços.

Tinha queda para o theatro, queda sobretudo para imitações, um genero que ao tempo andava muito em voga; começou a representar por brincadeira, como curioso e, como acontece quasi sempre, estava ali estava actor.

Foi ahí por 1872, pouco mais ou menos, quando os Rosas, o Polla, o Pinto de Campos sahiram de D. Maria e foram para o Gymnasio, tendo por empenzario o fallecido Xavier d'Almeida e por ensaiador Alfredo de Mello, professor do conservatorio e tambem morto ha já muitos annos.

Trindade fazia parte da companhia. Como actor valia pouco; como imitador porém era magnifico. No seu repertorio de imitações, repertorio que era enorme, tinha algumas verdadeiramente extraordinarias como as de Theodorico, Isidoro, Polla, Santos, que eram de uma illusão perfeita, tão perfeita que uma vez no theatro da Trindade, tendo adoecido o Isidoro, o Trindade, foi, a convite de Francisco Palha, substituir o grande actor no *Barba Azul* e fez o papel de rei Bobeche em toda a peça, imitando o Isidoro, e ouvindo-o sem olhar para o palco, toda a gente julgaria que era o proprio Isidoro que estava representando.

Trindade representava umas scenas comicas no genero das peças de Fregoli, em que elle sosinho fazia dez e doze personagens diferentes, não mu-

dando de fato nem de typo, mas mudando de voz e imitando varios artistas.

A primeira scena comica que elle fez n'esse genero, e que representou mais de 100 vezes a seguir no Gymnasio, e em que era deveras primoroso, foi a minha estreia no theatro — *As scenas tragicas da vida d'uma familia*, um drama passado entre muitos personagens em que elle imitou o Santos, o Theodorico, o Polla, o Antonio Pedro, o Isidoro, o Braz Martins, a Emilia das Neves, a Gabriella, etc.

Como já dissemos as imitações estavam muito em moda n'esse tempo: e entre os curiosos theatraes havia um que era tambem um imitador *hors ligne*, o pobre Pedro Moreira, esse intelligente e querido rapaz, que era tão trabalhador, tão alegre, tão honesto e que teve um fim tão terrivel, tão tragico, tão lugubre, Pedro Moreira era excellente nas imitações: as do Tasso, do Braz Martins, do Rosa (pae), do Theodorico, do Polla, eram maravilhosas.

Depois os actores imitados começaram a desaparecer no tumulo e Pedro Moreira por um melindre delicadissimo foi cortando do seu repertorio a imitação d'aquelles que adormeciam no grande somno, e dentro em breve esse repertorio ficou completamente esgotado...

O Trindade gosou em Lisboa de grande fama como imitador, teve enorme successo, ganhou muito dinheiro: depois correu toda a provincia, as ilhas com o seu repertorio e com a sua companhia, que era elle mesmo sosinho.

Andou lá por fóra muitos annos, tantos que o seu nome, que tão fallado e festejado fóra em tempo se tornou quasi que absolutamente desconhecido para a geração que hoje frequenta theatros.

Ao cabo de muitos annos de não ouvirmos fallar d'elle nem sabermos o que d'elle era feito, vimol-o ha coisa de tres mezes entrar pela nossa casa dentro.

Quasi que nem já o conhecemos: estava velho, acabado, e quasi mudo. A voz desaparecera lhe: as palavras sahiam-lhe da larynge quasi que como um sopro inintelligivel. O seu instrumento quebrase-lhe: tanto usara da voz, tanto abusara d'ella obrigando-a ás imitações que um dia a voz recusara-se a obedecer-lhe. Ainda assim o pobre Trindade tinha ainda esperança de melhorar, de recuperar o seu ganha pão.

Illudia-se coitado, como se illudem quasi todos os doentes. O mal não tinha remedio. Era um cancro na larynge e cada dia que passava era um passo gigante, que elle dava para o tumulo. Chegou lá depressa: aos 40 annos, pobre Trindade!

E antes de morrer teve uma cousa peor do que a morte: a desillusão!

Sentindo-se muito mal recolheu ao hospital para ser operado: era ainda uma esperança.

No hospital, declararam-lhe que não havia operação possivel a tentar, que era escusado.

E então vendo que estava condemnado irrevogavelmente á morte, quiz morrer ao pé de seus filhos, ao pé de sua mulher.

E voltou para casa, á espera da morte, que finalmente teve d'elle e não se fez esperar!

Pobre Trindade!
Paz á sua alma, e uma lagrima á sua memoria!

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO PEDRO AUGUSTO DE CARVALHO

Circunstancias alheias á nossa vontade impediram de mais cedo prestarmos a nossa homenagem ao illustre extinto, que se chamou Pedro Augusto de Carvalho.

Filho do Barão de Chancelleiros, familia illustre pelos seus titulos e pelos homens prestantes, de superior capacidade que tem dado a Portugal, nasceu o sr. Pedro Augusto de Carvalho em 1841.

Principiou a sua carreira publica na antiga Junta do Credito Publico, no logar de contador que desempenhou com superior talento e zelo, e quando d'ali sahio para assumir o cargo de director geral das contribuições directas, deixou organizada a Caixa Geral dos Depositos, e prefeitamente regulados os serviços da Junta.

Não foi menos profieua a sua passagem pela direcção das contribuições directas pois d'ahi datam os trabalhos de estatistica sobre cobrança de impostos e sensiveis melhoramentos nos serviços d'aquella repartição. Por varias vezes instado para o cargo de ministro da fazenda, nunca accetou.

Foi a sua grande capacidade que o indicou para Governador do Banco de Portugal, na occasião em que as difficeis circumstancias d'aquelle estabelecimento de credito, requeriam um chefe tão experimentado quanto intelligente e sabio que o dirigisse.

São de um distincto parlamentar, ex ministro da fazenda e director do Banco de Portugal, o sr. conselheiro Barros Gomes, as seguintes palavras proferidas á beira do tumulo de Pedro de Carvalho, e que são um verdadeiro elogio, que resume a vida do benemerito funcionario, raro exemplo de zelo e dedicação pela patria:

«Não intentarei exaltar agora o que foi e o que valeu o esforço de Pedro de Carvalho na gerencia do banco. Nem o logar, nem o momento o consentiriam a oportunidade para o fazer com a largueza indispensavel virá dentro em pouco.

Então se fará notar até que ponto eram difficeis as circumstancias sob que se iniciou essa gerencia, e com que esforço de trabalho, de intelligencia, de tino administrativo, ellas foram superadas, cansolidado o credito do banco e prestado ao paiz inteiro um serviço eminente. Hoje só quero, sómente devo referir-me, e muito por alto, ao que era pessoal em Pedro de Carvalho, ao civismo inexcusable, as suas virtudes altissimas, a quanto n'elle constituia em conjuncto admiravel um d'esses caracteres antigos, que marcam época e ficam para exemplo de futuras gerações.

«Mal se sabia o que n'este homem devia admirar-se de preferencia, se a lucidez da intelligencia e a firmeza de vontade, se o espirito justo e disciplinador, se os thesouros de bondade que, sob uma apparencia austera, se encerravam n'aquella alma. Acima de tudo brilhava n'elle a limpidez suprema da consciencia, que não consentia a seu respeito a sombra sequer de uma suspeita, ainda mesmo em quem, por não o tratar de perto, ignorasse por isso até que ponto chegavam os melindres da sua probidade e os excessos do seu escrupulo.

«Tino administrativo, faculdades de organização, raras sempre, rarissimas entre nós n'este momento, possuia-as tambem em grau eminente. Na Caixa Geral dos Depositos, por elle solidamente constituída, na direcção das contribuições directas, na gerencia do Banco, ficaram d'essa aptidão excepcional testemunhos os mais irrecusaveis. E quanto valia o seu conselho, quanto eram prudentes os seus alvires, que o diga eu, que o digam tantos ministros de tantas situações, de todos os partidos politicos, que todos, sem distincção, para elle appellámos em tantos momentos difficeis, para tantas questões arduas, encontrando em Pedro de Carvalho, como resposta invariavel ao nosso apello, os mesmos excessos de boa vontade, a mesma dedicação profunda, o mesmo trabalho consciencioso, destinado a encontrar a solução melhor, a mais consentanea com o bem publico, da questão ou problema que cumpria resolver.

«Desempenhando o cargo altissimo de presidente da camara dos deputados, ali deixou tambem assignalada a dignidade suprema, a resolução prompta, o espirito de justiça com que soube dirigir os debates, mantendo sempre a camara na região serena e digna de uma assembléa em que se legisla para um povo inteiro.

«E a benevolencia do trato, e o affecto quasi paternal com que attendia a quem trabalhava sob as suas ordens! Esse, nem sequer na censura deixava de manifestar-se, e por isso no Banco de Portugal, por exemplo, não ha um só empregado que o não estremecesse em vida, que hoje não deplora com o coração opprimido pela dor a sua perda irreparavel.

«O culto austero do dever, o amor do trabalho, a dedicação pela causa publica inspiraram a sua inteira vida. E d'elles caiu victima.

«Não foi no campo de batalha, inebriado pelo triumpho e á luz esplendida da victoria, que elle succumbiu, mas sim no estreito ambito do seu gabinete de trabalho, limitado pelo horisonte das suas livrarias. Foi ali que, derreado muitas vezes o corpo pela doença, caidas as forças minadas de ha muito pelo excesso de trabalho, Pedro de Carvalho consumia as noites, passadas em vigilia, na qual se mantinha á custa de excitantes, para defender perante um tribunal estrangeiro, mais ainda do que os grandes interesses financeiros e politicos do seu paiz, a honra e a dignidade nacionaes e o bom nome dos estadistas portuguezes arrastados na lama por intrataveis adversarios!

«A parte importante que lhe coube na defeza de Portugal perante o tribunal arbitral de Berne, a questão de Lourenço Marques, emfim, foi esse o esforço supremo que lhe poz termo á existencia, que lhe marcou antes de tempo a hora derradeira, que o roubou prematuramente aos carinhos da familia, em cujo recinto sagrado as suas virtudes ainda brilhavam mais puras se é possível, do que no vasto theatro da vida publica».

Effectivamente foi essa questão, que ainda se acha pendente no tribunal arbitral de Berne, que mais concorreu para a morte prematura do conselheiro Pedro Augusto de Carvalho.

Era ajudante do procurador geral da corôa quando o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, então ministro dos negocios estrangeiros, o convidou para advogado de Portugal na questão do Caminho de ferro de Lourenço Marques.

Não era facil encontrar quem tomasse este espinhoso encargo, e muito principalmente no limitado tempo que havia para apresentar a contestação, por isso com tanto mais ardor se dispoz ao trabalho o honrado funcionario, de dia e de noite a ponto de cahir extenuado e doente, mas depois de se ter desempenhado superiormente da sua commissão.

Mal tinha reparado os estragos da saude, quando veio a replica do tribunal arbitral.

Era preciso defender os nossos direitos e tanto bastava para que ao conselheiro Pedro de Carvalho lhe não fallessem as forças para a defeza.

A treplica não foi menos brilhante que a contestação, a questão tinha sido profundamente estudada, mas esse estudo fizera-se á custa da saude e da vida. Quando o conselheiro Pedro de Carvalho concluiu a sua tarefa concluiu tambem a vida.

Pouco viveu depois d'isto, morrendo victima do trabalho, da sua dedicacão á causa publica.

Este funcionario exemplar, que dedicou a sua vida ao serviço da patria, com intelligencia e zelo superiores, morreu pobre, não deixando a seus filhos mais que um nome honrado e respeitado.

Exemplar de virtudes quer no seio da familia, quer na vida publica, os desregramentos não lhe depauperaram os cabedades.

Raras vezes no nosso paiz se tem feito justiça como a que o actual governo fez, decretando a pensão de um conto de réis annual para a viuva do honrado cidadão e intelligente funcionario publico, que sacrificou a vida aos interesses da causa publica.

O CRUZADOR «REINA REGENTE»

Este magnifico vaso de guerra da marinha hespanhola, que as ultimas noticias officiaes dão por perdido, no cabo das Aceiteiras, á entrada do estreito de Gibraltar, é o assumpto de gravura de pag.ª 68 representando o *Reina Regente* acussado pelo tufão que se suppõe ter occasionado o naufragio.

O cruzador de 1.ª classe, *Reina Regente*, foi construido no estaleiro de Clydebank, na Escocia, segundo contracto do governo hespanhol com os srs. James e George Thomson, engenheiros constructores navaes de Londres.

Mede no seu comprimento total 110,™55; largura 16,™70; pontal, 10,™75; deslocamento normal 4:800 toneladas.

Duas machinas de triplice expansão da força normal de 7:000 cavallos, ou 12:000 em marcha forçada, calculando-se a sua velocidade em 20 1/2 milhas por hora.

O casco é de aço Siemens-Martim, devidido em compartimentos estanques. Tem tres cobertas corridas com duas baterias, sendo uma protegida esta ultima de uma chapa de duas polegadas na parte plana e tres na inclinada e sobre as machinas, caldeiras paioes, de tres e meia no centro e quatro a cinco no costado.

Depositos para 1:200 toneladas de carvão, sufficiente para costear o percurso de doze a treze mil milhas; Illuminado a luz electrica, telegrapho, e todos os mais accessorios necessarios a um navio de primeira ordem, contando 12 lanchas e escaleres, sendo tres a vapor.

O seu armamento consta de 23 peças assim devididas: 6 canhões Gonzalez-Hontoria de 12 ctm, cuja carga maxima é de 13 kilogrammas e o alcance de 10:700 metros com a velocidade inicial no projectil de 606 metros por segundo. Estas peças estão montadas sobre reparos Vava-seur. A força prefurante d'estes canhões é de 12 ctm. de placa de blindage.

Nas plantas-formas da proa e da popa arma quatro canhões do mesmo systema e de 24 ctm., fabricados nas officinas de Armstrong.

Seis canhões de tiro rapido, de 57 milímetros,

systema Nordenfeld, quatro na coberta, dois por banda, e os outros dois nos reductos de proa.

Outros dois canhões de pequeno calibre destinados a lanchas de desembarque.

Metralladoras Hotchkiss, canhões de tiro rapido Nordenfeld de 57 milímetros para desembarque, duas peças de 7 milímetros Gonzalez-Hontoria, e uma Nordenfeld de 57 ctm.

Cinco tubos lança torpedos completam o armamento do *Reina Regente*.

Este navio alem da artilheria, custou 243:000 libras esterlinas ou 1.083:500\$000 réis.

A sua tripulação é de 388 praças e officiaes superiores sob o commando do capitão sr. D. Francisco Marti, o qual estava n.º 1 para contra-almirante.

Em 3 de junho de 1888 houve a bordo do *Reina Regente* uma grande solemidade para a inauguração da bandeira de combate, bandeira bordada por S. M. a Rainha Regente e por ella oferecida para este vaso de guerra.

A bandeira é de seda e das cores nacionaes hespanholas; mede 6 metros de comprimento por 9 de largura, com um magnifico escudo das armas de Hespanha bordado, em forma oval, a ouro, prata e seda, uma obra primorosa. Esta bandeira guarda se em um rico armario de madeira com porta de crystal de uma só peça, com ferragens d'aço e tem o monogramma M. C. iniciaes de S. M. A Rainha Regente. Na cornija do armario, rematada pelo escudo real sobre um tropheu militar, obra primorosa de talha, lê-se uma inscripção em letras d'aço oxidado — *Maria Cristina al crucero Reina Regente*.

Este armario está na camara do commandante á guarda do qual é confiado.

A noticia da perda d'este navio produzio a mais dolorosa impressão no paiz visinho, impressão que se tem estendido a toda a parte onde chegou a noticia do desaparecimento do *Reina Regente*, que alem de ser um magnifico navio de guerra, ha a lamentar principalmente a perda de cerca de 400 vidas.

O *Reina Regente* fôra a Marrocos levar a embaixada marroquina, e no seu regresso a Cadiz é que se perdeu, parecendo que a causa do naufragio fôra o tufão que passou no Mediterraneo e que se sentiu em parte da peninsula, no dia 11 d'este mez.

S. M. El-rei D. Carlos testemunhou a S. M. a Rainha Regente de Hespanha, o seu sentimento por tão lamentavel perda e o governo portuguez enviou ao governo de Hespanha eguaes demonstrações de pesar, no que bem interpretou os sentimentos da nação portugueza.

A CONSULTA DA FLOR

O gracioso quadro, que a nossa gravura apresenta tem por thema a manifestação mais simples e mais pura d'uma alma candida a que o amor vae roubando o calmo socego, em que pode repousar o coração d'uma virgem.

Quando a donzella ama, o seu coração meigo e puro, torna-se um oceano de triste amargura, de aneiar indefinido e vago. Innocente, de tocante singeleza, infunde-se-lhe no seio abrasadora lava e aos assomos da paixão nascente submete-se crente e amante.

É a flor que desabrocha ao crescer das primaveras, é a menina que se torna senhora, é a creança que se torna mulher.

Sente o peito palpitar inquieto e eil a que ao fim da tarde, cahida em languidez, recolhendo-se á solidão, procura adivinhar, consultando as flôres, se o sonho que a embala e seduz, será real.

Anciosa, interroga, pétala por pétala a flor; e como a sua alma crente e confiada ficará satisfeita quando o numero das folhas da flor consultada lhe dissér simultanea com a derradeira pétala a melhor palavra d'esta oração poetica, deprecadora: mal me quer, bem me quer, muito, pouco ou nada.

Esse *muito* é para ella seguro, certo e a sua phantasia innocente desperta e n'um arroubo de affecto, pensando n'aquelle que ama, córa-se-lhe o rosto.

Aspira, então, a virgem uma nova vida, mais ardente, a vida do amor.

Retratando concepção tão gentil, delicada, esse quadro bem mereceu ser apresentado ante os olhos das nossas leitoras, pois que constitue um poema, longo poema a que só o coração da mulher casta e pura, da virgem, póde dar argumento.

UMA DANÇA DE BOUGUIS

Para os que não tiveram occasião nem tem esperança de visitar o archipelago das Molucas, na

Oceania, apresentamos a nossa gravura, na qual se vê uma dança dos gentios, da tercil ilha Celébes, indigenas chamados *bougis* pelos seus visinhos malaios.

Montanhosa, tendo mesmo alguns vulcões, essa ilha mostra nos seus naturaes traços e formas vigorosas mercê d'essas condições orographicas. Os indigenas que se apresntam na nossa gravura dançam armados de punhaes de pedra polida cujo trabalho admiravel tivemos occasião de vêr e apreciar, ha annos, no museu do consul portuguez em Ternate, o qual era riquissimo.

Os escudos tecidos com vegetaes, os pentaedros ornados, e caracteristicos assemelham-se aos dos malaios, pois que a Celébes tambem é habitada por esta raça.

Esta ilha, suppõem auctores insuspeitos, quem a visitou primeiro foi o celebre portuguez Fernão de Magalhães, e quem lhe deu o nome foi o navegador Pigafetta.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

VI

UMA JORNADA DE LISBOA A BURGOS

(Concluido do numero antecedente)

Apresentou-nos um rico jantar N'estas alturas, calhava ás maravilhas — e quando é que não calha? — mas para quem anda em campanha, ainda melhor, quando mais não seja para variar.

Pouco distante fica de Niza o celebre desfileiro de Villa Velha de Rodão; e não o esquece facilmente quem por elle passou uma vez. O caminho vae serpenteando e descendo por uma montanha muito alta; por cima e por baixo penhascos a perder de vista, e o passageiro sempre com medo que algum lhe caia em cima e o esmague. De repente, dá-se de cara com o desfileiro; uma volta muito apertada, para a direita, e agora o verás: é andar para diante; voltar a traz é quasi impossivel, a cavallo ainda poderá ser, mas os carros não podem; a estrada é pessima e tão ing. em e a descida, que as bestas vão em perigo de escorregar a cada passo. A umas duzentas jardas, lá em baixo, uma volta muito precipitada á esquerda, ou antes, para traz, porque o caminho segue paralelo, por algum espaço; depois outra volta abrupta e ingreme para a direita, tão obliquo o terreno que é difficil não resvalar. Quando se chega ao fim — lá muito em baixo, no fundo, corre o rio, em apertadissima garganta que se atravessa por uma estreita ponte. A subida do lado opposto não custa tanto a vencer.

No topo da montanha ergue-se a aldeia miseravel que dá nome ao desfileiro. Para ficarem fazendo ideia das commodidades da terra, bastará que lhes diga que uma vez, ficando ali aquartellado e perguntando eu ao Juiz de Fóra se o recinto que me indicava era para mim ou para o meu cavallo, a resposta foi: *para ambos e dois*.

No fim de alguns dias de marcha, assaz fatigante, mas que não deu de si incidente que mereça especial menção, viemos parar ao Sabugal, a terra mais *depenhada* de quantas até então viramos; fica sobre o Cóa, rio muito fundo e caudaloso, que corre por entre alcantallidas rochas. Deu-se aqui uma acção renhida, e a terra, como é de suppôr, resentio-se. Tinham nos dito que nos aboletassemos onde poderemos; á primeira porta a que batemos appareceu-nos uma velha assáz esqualida, e com ar de doente. De facto, não só ella como toda a familia — tudo estava com sesões. No segundo pardieiro a que batemos, havia um defuncto.

O terceiro nem tinha postigos nas janellas, nem portas, e só a metade do telhado.

Em ultimo appello viemos dar á primeira que haviamos encontrado e passado em claro, tão miseravel nos parecera; mas, como, sequer ao menos, nem havia ali doentes nem defuncto, estabelecemos quartéis. Mandámos arranjar de comer; o jantar cosinhou se na baiúca, que remedio, mas tivemos o cuidado de o vir comer cá para fóra — não nos seduzia o interior, e nunca ali teriamos posto pé, se a noite não estivesse fresca de mais para acampar a ceu aberto; apesar de que, algumas noites mais tarde o viemos a fazer com peor tempo. A' hora de recolher, não houve mais remedio, entrámos.

No extremo da casa dormiam o dono e a familia; seis ou sete filhos; em seguida a estes eu e os outros officiaes; mais adiante a comitiva: empedidos e moços, e não esqueçamos o gato e o porco, os quaes, hospedes dos hospedes, sem convite vinham de vez em quando ter á cama de cada um de nós. No outro extremo accommodaram-se os cavallos e os machos. Creio que dispensarão



O MAESTRO CARLOS GOMES—VID. CHRONICA OCCIDENTAL

juramento para acreditarem que não dormimos como anjinhos.

No dia seguinte, depois do almoço — leite de cabra e castanhas cozidas, munificência do nosso amphytrião — partimos deixando-lhe, em paga, uns restos de carne, um côto de presunto e o sobejo da sopa: ficou contente que nem um rato!

Do Sabugal á fronteira hespanhola é muito perto; os dois paizes visinhos são aqui apenas separados por um regato.

A primeira cidade castelhana que encontramos foi Ciudad Rodrigo; começámos agora a vêr signaes da presença do exercito; desde Lisboa até estes sitios só tínhamos encontrado no caminho um official com a respectiva ordenança; vinha já com muitos dias de jornada, e poucas informações nos poude dar, a não ser que estávamos perdendo muita gente em frente de Burgos.

La grande reboição por Ciudad Rodrigo; a cada canto doentes ou feridos com as ligaduras e os uniformes todos manchados de sangue — notava-se immenso movimento.

Guardava a cidade um regimento hespanhol; não se viam senão officiaes e ordenanças de dragões, partindo ou chegando, a correr a galope em todas as direcções. Toda a gente andava atarefada e com ar de muita pressa. Afinal encontramos o tenente Robe, da artilheria a cavallo, que nos disse estar levantado o cerco de Burgos; que o exercito retirava a toda a pressa; e que seu pae, o coronel Robe, muito mal ferido, ia a caminho de Lisboa, para d'ali seguir para Inglaterra.

Viveu ainda alguns annos, mas soffrendo sempre. O filho foi morrer a Watterloo, depois de ter combatido como um valente que era. Perdeu-se n'elle um bom official.

N'essa noite ficámos em Ciudad Rodrigo, e retirámos na manhã seguinte, por entre grandissima confusão. Nem

podémos arranjar quartos, nem de comer. As estradas estavam juncadas de feridos e de enfermos. Como não tinha entrado ainda em serviço acti-

vo e era, portanto, senhor das minhas acções, paei para descansar, visto que não havia utilidade immediata em ir mais além, e tambem para assistir á passagem do exercito. Nunca, talvez, fôra vista tão completa collecção de espantalhos! Ninguém decerto seria capaz de os conhecer pelo fardamento; as fardetas todas remendadas de panno de mescla; alguns com cobertores aos hombros. Muitos vinham descalços, e atolavam-se até ao joelho a cada passo que davam. A estrada era um verdadeiro tremedal; sem exaggero, vi mulheres e doentes tão enterrados na lama que se não podiam desvencilhar: cavallo, macho, ou burro que tropeçasse para ali ficava atascado, elle e a bagagem, que era forçoso abandonar.

Vinham cubrindo a retirada uma brigada de artilheria que acabava de chegar de Inglaterra, alguns esquadrões de cavallaria e tropas ligeiras. Marchara esta brigada, ainda ha pouco de Lisboa e apresentava a melhor ordem. O fardamento, por ora, limpo, e os cavallos bem tractados, contrastavam singularmente com os do resto das tropas, especialmente a companhia de artilheiros que estivera fazendo serviço em frente de Burgos. Estes ultimos, á primeira vista podiam muito bem confundir-se com uma leva de prisioneiros, porque a maioria trajava uniformes francezes. Vinham muitos doentes e feridos, deitados ou sentados, uns em carros de bois, outros em carretas puxadas por muares ou por cavallos.

Nunca, em dias de minha vida, vi tropas inglezas em tão lamentavel estado!

Uma noite, depois da marcha, ouviu-se de repente, para a direita do acampamento, um vivo tiroteio. Todos correram ás armas. Que era um ataque, não havia duvida, mas não do inimigo, porém sim da nossa gente que dava caça a uma manada de porcos que andavam para ali a monte, n'um pinhal. Os nossos famintos soldados atacavam o inimigo com vigor, e a caçada d'aquelle dia deve ter custado cara a mais de um porqueiro. Alguns officiaes superiores que accudiram apresados a vêr o que era aquillo, fizeram um aranzel por ahí além e acabaram com o divertimento; mas entretanto, iam rindo á sucápa, e vim a saber, de fonte limpa, que o Estado maior apanhára lombo de porco para a ceia, e outras petisqueiras correlativas, que a todos souberam a pouco. Houve grande sobresalto entre os francezes por causa das descargas; não podiam imaginar o que aquillo significava e estiveram áleria toda a noite, mas o que não tiveram (apósto), foi porco para a ceia.



O CRUZADOR «REINA REGENTE» ACCOSSADO PELO TUFÃO

(Desenho do sr. José Pardal)



A CONSULTA DA FLOR — QUAIRO DE HERMANN KOCK

Aqui se separou, finalmente, o nosso rancho.

Tinham-se-me acabado os mantimentos, e como não podia arranjar quartéis, visto não estar ainda em serviço, achei que sempre seria mais ajuizado ir-me chegando para onde houvesse que dar ao dente e abalei para Castello Rodrigo. Para lá chegar tinha de transitar por estradas abomináveis. Estavam todas agora em muito peor estado que quando viera para cima, ha dias. Era medonha a quantidade de cadaveres de homens e de animaes que jaziam pelas estradas. De repente, ouço pronunciar o meu nome; o som vinha da valleta.

Volto-me para ver quem me chama e dou com os olhos n'um pobre official, estendido á beira de um valado. Era meu conhecido; tinhamos saído ambos cadêtes da escola militar de Marlow. Passavam uns carros de munições e consegui vel-o accommodado, o melhor que poude ser, em um d'elles. Pobre rapaz, expirou n'essa mesma noite, e tive de lhe fazer o enterro: abri a cova com as minhas proprias mãos, ajudado apenas por um soldado. Foi bem curta a cerimonia, e poucos os que a ella assistiram. De to-to se me varreu da memoria o nome do meu infeliz camarada.

Não cessara ainda de chover e, a respeito de comer, vim apanhando nozes pelo caminho para enganar a fome, e rapartia com o meu cavallo, que vinha tão esfomeado como o dono; mas, coitado, os que tinham passado adiante d'elle encarregaram-se de ir limpando tudo a que poderam metter dente. Viemos dar a um logarejo, d'onde retirara, havia pouco, um pequeno posto do commissariado; esperava encontrar até alguns viveres, mas os commissarios, quando abalaram deitaram fogo a uns restos de bolaxa.

Os soldados andavam todos a esgravatar esperançados de encontrarem ainda coisa comestivel; fiz o mesmo, que remedio — e consegui apanhar metade de uma bolaxa, apenas principiada a torrar; e foi todo o mantimento regular que provei em tres dias. A tarde, deu afinal comigo o meu impedido; tinhamos nos perdido um do outro no reboliço. Trazia-me a grata noticia de ter alcançado uma ração de pão e de carne, para ambos. Escusado é dizer que a despachámos com grandissima gana; nem demos á carne tempo para se assar de todo.

Dali a pouco caminho entrei em Castello Rodrigo, onde nos dêram rações em termos, mas não se alargaram muito; e d'ali, partimos para Almeida.

Pelo caminho, encontrei um comboio de doentes que vinham do hospital de Salamanca; a maior parte transportados em carros de bois. Com os saltos das rodas e os terriveis balanços na pessima estrada, cheia de covas, os desgraçados gemiam e gritavam que mettiam dô. Aquelles cujo estado lh'o consentia eram obrigados a vir a pé; uns, de cabeça atada, outros de braço ao peito; muitos d'elles desmaiavam, cahiam e alguns, exhaustos de todo, atiravam-se para o chão, desesperados, para se deixarem morrer para ali.

Parece-me ainda estar vendo dois pobres soldados portuguezes, estirados no chão, encostados ambos á mesma arvore. Um d'elles relanceou-me um olhar de tanta afflicção, que me apeei do cavallo para lhe dar um golo da aguardente que levava na cantina. Articulou um murmurio quasi indistincto e apontou para o companheiro, o qual, segundo me pareceu ter comprehendido, era seu irmão.

Estava morto e ficou sentado, com as costas apoiadas ao tronco da arvore. Voltei-me outra vez para o primeiro, mas quando lhe ia a chegar o frasco aos beiços, cahiu sem vida, ao pé da arvore.

Ainda bem não tinha montado a cavallo, quando vi, a curta distancia, um soldado inglez a defender-se a pontapés de um carreiro portuguez, que crescia para elle de aguilhada em punho, tendo-lhe já atirado algumas bordoadas.

Acudi a indagar a causa de tão desusado systema de duello, e soube que o carreiro, que tinha tanto de bruto como de mau, não queria incomodar-se a ageitar melhor, dentro do carro, um pobre soldado, que vinha assas doente. O infeliz, com os balanços do carro, tinha ido escorregando, e as pernas arrastavam pela estrada. O cabeçudo do carreiro, com receio de atrazar caminho, negava-se a parar o carro, e a collocar em posição menos incommoda o pobre soldado, que não podia valer-se dos braços por vir ferido em ambos. Obriguei o grande patife a dar melhor lugar ao ferido, e para ensino do insolente preguei-lhe uma boa sova de marmeiro.

O braço ficou-me a doer, mas tambem, foi um excellento remedio para o frio que trazia no corpo.

Cumprida minha justiça, fui de caminho até Gallegos, onde parei e fiquei bem aboletado. Estava-me já regalando de antemão a optima noite que ia passar, no bello quarto com duas boas camas que me deram, e principiava a deitar contas á minha vida, cogitando qual das duas escolheria (já meio resolvido, em desconto das noites mal passadas, a escolher ambas, eu, que ha quatro noites me não despia;) eis senão quando, me entra pela porta dentro um soldado, que, andava á procura de quarto para dois officiaes, ambos feridos e de um dos quaes elle era o impedido.

Cahiu-me a alma aos pés; mas, em vista do exposto, disse-lhe que os conduzisse para ali, que se arranjaria logar para todos. Afinal eram antigos conhecidos; cadetes tambem de Marlow e vinham nos carros que passaram por mim na estrada. Singular coincidência esta: no curto espaço de tres dias, tinha de valer a tres antigos collegas. Lembrando-me, que, na vida em que estavamos, é hoje por nós, amanhã por vós, resolvi ceder-lhe as camas; e o caso é que mais tarde, quando me achei nas mesmas circumstancia em que elles agora se viam, um d'elles tambem me valeu. Contentei-me pois com a ceia e prescindi da cama, e, em seguida a uma boa fartadella de presunto com ovos, cavaleguei de novo o meu (futuro) consel de batalha, e, acompanhado do meu camarada, vim pernoitar a Almeida.

Pelo sim pelo não, fui sempre mettendo um cobertor dobrado debaixo do selim, para o que desse e viesse, ignorando que especie de cama me esperaria aquella noite. Quando cheguei estavam já alguns officiaes á meza e o jantar no começo; abanquei e, não obstante o presunto e os ovos, dei assaz boa conta do recado; attendendo, porém, a que por longos dias, tinha-me visto privado de tão essencial refeição, achei que não era nada de mais repetir a dose. A hora de recolher, fui á procura do cobertor, e achei-lhe o sitio: era uma vez! Um dos camaradas emprestou-me o capote, estendi o meu sobre um oleado, e dormi conforme pude.

Primeiro que conseguisse haver á mão um cobertor, ainda se passou uma semana; veiu uma leva d'elles para os soldados; sobejavam dois, conquistei-os. Alcancei um molho de palha e, com dois lençoes, compuz uma caminha que se podia ver. Por mais de quinze dias não tinha sabido que coisa era despir-me; as mais das vezes deitava-me embrulhado no meu capote, e este, nem sempre enxuto. E ainda ha quem diga mal das camas de chão, — souhei, aquella noite que era um sybarita!

Spectator.

A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Concluido do n.º 583)

Em virtude da nova organização da folha official decretada em 31 de outubro de 1859 appareceu em 1 de novembro o primeiro numero do *Diario de Lisboa*. Veiu no formato de folio ordinario nas mesmas dimensões dos annos anteriores e com o titulo em forma bicornia.

Em 1 de janeiro de 1860 a estapafurdia forma bicornea do titulo desapareceu passando a ser disposto horizontalmente, mas o formato da folha é que se tornou devêras espaventoso. Tinha mais trez centimetros de largura e dois de comprimento que hoje tem o *Seculo* mas a impressão era em papel tão incorporado o que o tornava difficil de compulsar, inconveniente para as estantes e sobretudo onerosissimo para o thezouro.

Era uma trabalhadeira para as repartições publicas, onde se consulta a miudo a folha official, manusear aquelles enormes volumes do *Diario de Lisboa* mais pesados que o proprio *Times* porque este é, como se sabe, impresso em papel pouco encorpado. O plano tornou-se inexecutable e no começo de 1861 o grande formato do diario teve de restringir-se a porções mais modestas ficando em tudo igual aos anteriores formatos e ao que ainda hoje tem.

No entanto nem por isso a despeza diminuiu porque com a modificação do formato o numero de folhas augmentou tornando-se cada numero mais um livro in-folio do que um jornal, o que não admira n'um paiz d'estes onde se fazem tantas leis como na China se fazem leques.

O deficit annual andava por 25 000\$000 réis, e isto não podia continuar. Foi então promulgada a lei de 9 de setembro de 1868 em que o governo foi auctorisado a reorganisar a folha official, o que depois aconteceu pelo decreto de 11 de dezembro

do mesmo anno, sahindo o 1.º numero em 2 de janeiro de 1869 com o antigo titulo de *Diario do Governo*, que ainda hoje conserva.

Devemos acrescentar que o governo obrigou pelo referido decreto todas as repartições publicas, tribunaes e corporações administrativas a terem a folha official *por meio de assignatura* o que augmentou consideravelmente os assignantes obtidos com os dinheiros dos cofres publicos.

Esta disposição governativa faz-nos lembrar aquella famosa ordem d'um nosso bravo general tão celebre pelas suas tolices como Bocage o foi pelos seus bons ditos, que indo no alto mar n'um navio demasiadamente carregado de tropas mandou aos seus soldados, n'um momento de perigo, que pozessem as mochilas ás costas afim de aliviar a embarcação!

Por decreto de 23 de dezembro de 1886, sendo ministro do reino o sr. conselheiro Luciano de Castro, foi ordenado que a folha official do governo continuasse a ter o mesmo formato estabelecido desde 1861, devendo ella ser precedida de um summario. Decretou-se mais que fosse suprimido na inserção do diario.

1.º: os editos sobre recrutamento.
2.º: as relações das guias de emolumentos dos secretarios d'estado.

3.º: as listas das vendas de fóros, censos, e pensões, etc. e outros bens pertencentes á fazenda nacional, que deveriam d'ahi em diante ser impressos em separado, em folha de formato igual ao do Diario.

Foi igualmente determinado, pelo artigo 2.º d'esse decreto, que os mappas estatisticos, memorias, relatorios, inqueritos, balanços de bancos e companhias, e outros assumptos que interessassem principalmente ao commercio e á industria, fossem impressos em separado n'um *Appendice*, de formato de 4.º que seria distribuido semanalmente e gratuitamente aos assignantes da folha official; e que tanto o diario como o appenso fossem acompanhados de um repertorio alfabético (*D. do Gov. n.º 298 de 31 de dezembro de 1886*).

O primeiro *Appenso* ao Diario constou de 16 paginas e consta; 1.º de um officio da legação de Portugal no Rio de Janeiro datado de 18 de outubro de 1886 sobre o commercio dos vinhos; 2.º dos balancetes d'alguns bancos e companhias; 3.º d'um regulamento da exposição internacional de Barcelona, de setembro de 1886; 4.º d'um relatório do delegado de Portugal ao congresso geodesico internacional para a medição de terra na conferencia reunida em Berlim em 27 de outubro de 1886.

Estes interessantes appendices ao diario teem continuado regularmente até hoje.

Para concluirmos vamos dizer algumas palavras com referencia ao *Indice do Diario do Governo* de absoluta necessidade a quem, sem dispendio d'um tempo enorme e fatigante, queira procurar qualquer lei, ou outra disposição governativa, na tolha official.

Desde 1851 até 1868 foram estes indices editados pelo livreiro José Joaquim Nepomuceno Arsejas estabelecido na rua Augusta.

Tinha o titulo disposto da seguinte forma; *Indice das peças officiaes e dos artigos publicados no Diario do Governo*.

De 1851 a 1860 estes indices foram impressos em Lisboa na Imprensa Nacional, e d'ahi em diante, até 1868, em Coimbra, na Imprensa da Universidade.

Era dividido nos dois semestres do anno contendo as peças officiaes por ministerios, com as respectivas datas e numeros do Diario onde vinham publicados.

Tomando conta d'esta empreza a Imprensa Nacional de Lisboa, os indices do diario soffriram nova forma na disposição das materias, começando pela disposição do titulo que ficou assim designado:

Indice Chronologico da Parte Official do Diario do Governo.

N'este indice, em logar das peças officiaes viem só classificadas por ministerios veem dispostas por mezes, em ordem chronologica agrupadas por ministerios e no fim trazem um *indice geral alfabético e remissivo de todas as materias contidas no Diario do Governo*.

Esta nova disposição do indice do Diario julgo que ainda subsiste. Vendem-se estes indices avulso pelo preço de 200 réis, o que não é barato.

São, como já dissémos, estes indices indispensaveis a todos aquelles que costumando consultar as leis não possuam as colleções da legislação.

Silva Pereira.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 584)

IX

OS CODICES DE ALCOBAÇA

Os codices de Alcobaca. ¹ Esta importante collecção, muito notavel pelo grande numero de volumes e obras n'ella conservadas, é constituida por 454 manuscriptos tendo quasi todos as letras iniciais, e, ainda mesmo as capitães, illuminadas.

Seria difficil descrever-os, capazmente, e isso pelo seu avultado numero; basta notar que alcançam do seculo XI até ao XVIII.

Assim, vamos simplesmente enunciar, pelo seculo a que pertencem, os mais notaveis segundo o nosso modo de ver artistico:

Seculo XI. D'este seculo só ha um manuscripto, cujos caracteres são gothicos. E' o mais antigo que temos visto. As suas illuminuras são simples. E' muito notavel porque é inquestionavelmente o manuscripto mais devedrico que possui as bibliothecas portuguezas.

Seculo XII. D'este seculo, vêem-se na collecção 32 codices dos quaes só os n.ºs 158, 167, 333, 336 e 52, são mais illuminados e este ultimo tem uma miniatura, é uma copia do Mestre das Sentenças, de Pedro Lombardo.

Seculo XIII. São setenta e dois os codices pertencentes a este seculo, e d'elles são dignos de nota, simplesmente pela profusão de letras capitães illuminadas, os n.ºs 249 e 255. Os n.ºs 159 e 251 são notaveis porque tem letras capitães a verde sobre azul; o n.º 252 tem as capitães sobre ouro bem como o n.º 158.

O n.º 256 tem as letras fingindo plumas e conchas.

O n.º 259 tem algumas iniciais cortadas a cavivete. Decerto seriam obra boa.

O n.º 261 tem magnifica letra sobre esplendido pergaminho. A primeira pagina é emmoldurada graciosamente e começa por um lindo M Os n.ºs 341, 342 e 343 são dignos de se vêrem.

O n.º 267 é caracteristicamente illuminado. Tem duas letras iniciais muito formosas.

O n.º 553 tem uma miniatura que, com quanto grosseira, é notavel.

O n.º 351 tem as capitães a azul.

O n.º 348 tem um grande M inicial a azul e verde e cujo desenho é muito caracteristico.

O n.º 347 a letra inicial é um S vistosamente illuminado.

Têm grandes letras illuminadas, tambem, os n.ºs 411, 413, 396, 418.

São bastante formosas as iniciais do n.º 420, as quaes assentam em fundo vermelho, sendo muito bem ornamentadas.

O n.º 419 tem iniciais a claro-escuro em fundo verde.

Os n.ºs 405 e 402 tem as iniciais a azul, contornadas a preto; muito curiosas.

São douradas as iniciais do n.º 399, e as do 414 são finamente illuminadas.

O n.º 410 tem as letras a cores muito vivas e são extraordinarias. Tem um cunho especial.

Artisticamente ainda se podem indicar como merecendo apreço os n.ºs 343, 342, 341, 157, 152, 266, e 415.

A Biblia de Aljubarrota. Tem aqui logar citarmos uma preciosidade que se guarda junto d'esta collecção. E' uma biblia que se diz ganha por D. João I aos castelhanos. Este manuscripto foi entregue ao mosteiro de Alcobaca pelo condestavel D. Nun'Alvares, no principio lê-se:

«Biblia ganhada na batalha de Aljubarrota que el Rey Dom João o primeiro da gloriosa memoria a qual era do proprio Rey de Castella foy ganhada dentro na sua propria tenda como consta de sua memoria que está no fim d'este proprio livro». Tem grossa ferragem e as capas são chapeadas com pequenos escudos de Leão e Castella, mal postos. A encadernação parece do seculo XVII. Os escudetes pertenceriam a algum cofre.

Na memoria que está no fim, faz-se a declaração do espolio da batalha, e foi escripta decerto no seculo XVII; a letra é muito variada. Pôde ser copia da antiga memoria. O trabalho parece francez.

E' uma verdadeira preciosidade historica como tantas outras que possuímos e que mal conhecemos.

Seculo XIV. Os codices pertencentes a este seculo constituem uma enorme collecção, relativamente, e não inferior á do seculo XIII, pois, que tem setenta volumes.

Porém, é menor o numero dos que merecem referencia pelo seu valor artistico.

O mais notavel dos codices d'este seculo, existente n'esta collecção, é o n.º 205, um *Novo e Velho Testamento*; em magnifico e alvissimo pergaminho de extrema finura. Deliciosamente illuminado, com delicadas letras miniaturadas, é escripto a duas columnas com caracteres bem traçados. Igualmente o n.º 383.

O n.º 376 tem vestigios de boas miniaturas.

Os n.ºs 260 e 443 são notaveis pela grandeza das letras iniciais illuminadas a cores muito vivas.

O n.º 361 tem na primeira folha um M que occupa toda a pagina e que é muito ornamental e colorida com tintas brilhantes.

O n.º 438 é um *Psalterio* escripto em caracteres monumentaes; parecem letras de cartaz.

São illuminados muito simplesmente os n.ºs 430, 437 e 375.

Seculo XV. São vinte e tres os codices d'este seculo.

Distingue-se entre elles o n.º 78 cujas capitães são illuminadas sobre ouro. Igualmente o n.º 73.

O n.º 65 tem um frontespicio illuminado.

O n.º 278 é de veras pobre.

Completa decadencia artistica!

Seculo XVI. D'este seculo são poucos os manuscriptos mas digno de attenção só ha um. E' um breviario em formato oitavo, em pergaminho muito fino. As suas illuminuras são muito delicadas. Bem encadernado e dourado por folhas. Tem o n.º 83.

Seculo XVII e XVIII. A maioria dos manuscriptos d'estas epochas são em papel. Nada offerecem de notavel. Nenhum d'elles é illuminado nem enriquecido com o mais simples desenho.

Assim, nada ha a registar.

Tendo examinado todos os volumes d'esta collecção, gastando n'esse exame muitas e longas horas, algumas curiosidades deprehendemos e entre ellas as de certos codices accusarem factura posterior áquella que a calligraphia usada nos mostra. Explica-se esta irregularidade, facilmente, se seguirmos a sabia cpinião do erudito director da Bibliotheca Nacional, o sr. Gabriel Pereira, que pretende os religiosos d'Alcobaca tivessem uma escola de imitação da escripta antiga.

Um d'esses muitos imitadores, seria um tal João peccador, de que se falla n'alguns manuscriptos.

Muitas das illuminuras são trabalho de portuguezes como frei Nicolau, etc.

Terminando a nossa succinta noticia subjectiva aos *Codices d'Alcobaca*, acabámos com ella, a rapida descripção das preciosidades que, em manuscriptos illuminados, possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(Continúa).

Esteves Pereira.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 581)

IV ✓

TEMPESTADES

A' medida que o amor de Silvestre mais se ia senhoreando do coração de Rosalia, mais a alma generosa da rapariga, tentava reagir contra esse dominio que lhe parecia vilipendio e infame, por ter antes prometido, n'uma hora illusiva, os thesouros da sua ternura ao homem que primeiramente a amara. Mas debalde formava planos de rebeldia: — como uma fascinação sobrenatural, bastava um olhar de Silvestre, uma carta, duas palavras transmittidas pela creada, para a sua vontade se dobrar, e os seus planos cahirem por terra, sem mesmo estarem bem architados...

Todavia, a insistencia de esta preocupação, amargurava as suas horas; e pensamentos jogados incoherentemente, muitas vezes intercalaram nos seus somnos, anciados instantes de vigilia. Supersticiosa, creada entre os vicios morbidos de uma religião excessiva e mal comprehendida, cria já que algum poder occulto determinava, mysteriosamente, as oscillações tormentosas da sua sensibilidade: e, uma vez n'esta perigosa ladeira, o seu espirito foi, pouco a pouco complicando mais os artigos do seu delicto, extrahindo do peccado originario, novos peccados, cada qual mais alarmante para a sua estreita comprehensão de mulher. Uma quasi monomania começava já a enfraque-

cer-lhe o cerebro e a desbotar-lhe as alegrias, quando um acontecimento imprevisto veio mudar radicalmente a face do perigo em que ella se debatia.

Estevam, depois que a revelação da filha do José Eliás o surpreendeu como um doloroso reves da sorte, tentou estudar um meio de conciliar esse desgraçado successo, com as suas esperanças e planos de vida futura. Pungia-o o infortunio de Clara; mas a compaixão que por momentos lhe invadia o peito, quasi desaparecia em um certo rancor egoista, vendo n'essa doce creatura que despertara o seu coração, a unica responsavel e culpada do embaraço em qua a sua vida e a sua felicidade tropeçavam.

Para conjurar o mal, só lhe occorriam coisas excessivas, em que collaboravam reminiscencias, de velhas leituras. Lembrou-se de aconselhar Clara a que fugisse de casa; installal-a-hia n'um *coltage* afastado, e iria vê-la, quando a quando, com a maxima reserva, para que ninguém o suspeitasse cúmplice no infortunio da rapariga; mas este plano despropositado e cruel, ainda encontrou na sua alma um resto de generosidade que o repudiou. — Que faria então? Renunciar ao amor de Rosalia? Isso nunca! — E, para se firmar n'esta resolução, Estevam invocava o juramento trocado, no jardim do Palmeirão, com Rosalia, sobrepondo esse testemunho inconsequente; — fructo banal da sua rhetorica amorosa — ao austero dever que tacitamente lhe impunha o estado da rapariga que elle violara.

Um dia de rebuscas na desordem moral da sua vida, não bastou para que qualquer plano inteiramente accitavel lhe illuminasse o espirito desnor-teado. Como sempre, só expedientes excessivos lhe suggeria aquella difficuldade; e afinal, ao cabo de uma labuta que lhe deixou o cerebro extenuado, o alvitre em que a sua incerteza se fixou, foi talvez o peor de todo o inconsiderado tropel que as suas idéas experimentaram.

Para a realisação d'esse projecto, tornava-se indispensavel o dia da sua entrevista nocturna com Rosalia, ir armado de fortes argumentos evasorios para combater os provaveis obstaculos que ella lhe appozesse, e por fim, obtido o cumplicio da brasileira, esperar que o dia 12 de dezembro chegasse, para lhe serem entregues os papeis da velha Pimenta, onde elle contava achar as provisões de dinheiro, necessarias á sua trama.

Confiado no bom éxito das suas armadilhas, Estevam parecia tranquilo, e nunca a filha do seu tutor teve tão completa felicidade como essa que o rapaz fingia compartia com ella, para desviar suspeitas.

A noite da entrevista com Rosalia, chegou por fim. Era em novembro; já um cortante frio inverno ia tornando intoleraveis esses momentos de *lete a-lete* no desagasalhado pavilhão do jardim. Todavia Estevam, esquecido na desordem de idéas que se baralhavam na sua cabeça, escalou o muro do quintal, insensivel á aspereza da temperatura, e depressa estava junto de Rosalia, aquecendo entre as suas, as mãos da rapariga, que-tiritavam de frio e receio.

— Tão fria, minha filha!...

— E tu, não estás? O ar corta. Não viste a geada, lá fora?

— Vi. Mas, crê, com o sentido em ti, nem me lembrei do frio. Vê tu, como o nosso amor é diverso: basta o fogo do meu, para me insensibilisar mesmo que fosse de rigores polares, e o teu...

Estevam ahiava, mais do que nunca, as suas estafadas rhetoricas; tinha gestos de tenor novato, comprehendendo philosophicamente estes pequenos *trucs* de seducção. Mas Rosalia estava regelada, e as palavras do rapaz soavam-lhe quasi indifferentemente aos ouvidos. Assim, enquanto elle declamava, dispoendo lhe o animo para favorecer o bom acolhimento do seu plano, ella deixou cahir estas palavras desanimadoras, interrompendo-o:

— Hoje, havemos de ir embora mais cedo, sim?

Estevam, a quem a interrupção colhera com a dextra no ar e a mão esquerda sobre o coração, ficou ainda algum tempo n'esta attitudde, aparvalhado; por fim, baixou melancolicamente os braços e murmurou:

— Que amor tão pequenino!

Rosalia estremeceu, lembrou-se de Silvestre; e viu quasi, n'aquellas palavras do rapaz, uma indirecta recriminação. Respondeu:

— Não, não é, filho; acredita. Mas, crê, tenho andado tão mal... Este frio causa-me dores tão agudas!...

— Pois bem, não nos demoraremos, tens razão. Só te peço que me escutes alguns momentos, porque tenho uma coisa muito grave a dizer-te.

— Alguma coisa má?

¹ Alguns outros codices, d'esta collecção, guardam-se na Torre do Tombo; porém nenhum, ao que nos consta, tem notavel valor artistico.

— Tu a julgarás, depois.
Emmudeceu um instante, e continuou logo :
— Sabes que é no dia 12 do mez que vem, que aquelles papeis da Pimenta, me hão de ser entregues, não sabes? Creio que ainda te não esqueciste do que ambos nos promettemos, quando esse dia vier emfim mostrar o rumo definitivo da minha sorte...
— Decerto, eu não esqueci... — balbuciou ella.
— Mas o que tu não sabes, talvez, é que tua tia, por certos motivos que só ha pouco soube, se opporá sempre ao nosso casamento, pelo menos emquanto tu fores menor e estiveres debaixo da tutela...
— O quê, que soubeste tu?... Minha tia não tem motivos nenhuns para se oppôr... Meu pae deixou dito que me não contrariassem na escolha de futuro.
— Embora. Eu tenho a certeza de que ella se oppõe.
— Tens a certeza?
— Tenho.
— Porque?
— Mais tarde t'o direi.

(Continúa)



REVISTA POLITICA

E' bem certo que quanto mais liberdade se tem, mais liberdade se quer, pela simples razão de que a humanidade é insaziavel em suas ambições, e d'ahi vem que, do excesso resulta sempre o abuso.

Assim, em quanto que nos povos que menos tem disfructado d'essa liberdade, se tem mantido mais o respeito da auctoridade, é certo que onde ella se tem espraído mais largamente, se está reconhecendo a necessidade da repressão, principiando pelo proprio paiz onde ao despontar d'este seculo despontavam tambem os primeiros clarões da liberdade politica.

E' o que se está observando á luz da boa rasão desapaixoadada e fria.

E se assim está acontecendo em civilisações mais adiantadas do que a nossa; se assim está acontecendo em nações onde a liberdade não attingio os fóros de licença a que tem chegado no nosso paiz, de que nos devemos admirar, que venham medidas repressivas que são velhas em outros paizes que se tem governado melhor do que o nosso.

O novo codigo administrativo, que tanto tem dado que fallar nos circulos politicos, revolucionando os artigos de fundo das folhas da opposição, não é mais que a consequencia dos muitos abusos que á sombra do antigo codigo se praticavam na maior parte das camaras municipaes e junctas de districto e que a lei de 1892 do sr. conselheiro Dias Ferreira já procurou corrigir em parte.

E' desolador vêr a maior parte das camaras municipaes e junctas do paiz, empenhadas, emitando como um bom exemplo o estado da fazenda do primeiro municipio do paiz; é irrisorio vêr como tratando de alguns concelhos que nem sequer tem recursos para pagar a um professor de instrucção primaria, saiam a campo procuradores officiosos a censurarem a tutela que o governo quer exercer n'esses concelhos.

Politica dessorada, com que afinal nem os proprios interessados se importam, pois que tem por melhor não darem ouvidos aos politicos de officio.

E' assim que ao passo que a opposição tem expluido as suas melhores indignações contra o novo codigo administrativo, os municipios do paiz teem-se conservado no mais completo silencio á excepção da camara do Porto, onde a maioria progressista vem em viagem até Lisboa, representar a El-Rei contra o dito codigo.

A minoria da camara municipal de Lisboa elaborou um protesto, que publicou, no que foi coherente visto que essa minoria é republicana.

Não morremos de amores pelo novo codigo administrativo, mas na frieza desapaixoadada com que aqui apreciamos a politica do dia, não podemos deixar de reconhecer a sua necessidade como meio de reprimir os abusos que se praticavam.

Não desconhecemos quanto o novo codigo visa á questão eleitoral, e que talvez mais por este que pela questão administrativa e financeira, o sr. ministro do reino o reformou, mas se é isto o que mais doe ás opposições, parece que a maioria do paiz pouca importancia lhe liga, pela quasi indiferença com que assiste ao torneio.



ILHA CELÉBES — UMA DANÇA DE BOUGUIS

Essa indiferença vaee chegando a tal ponto, que os partidos politicos estão por assim dizer mortos e mais se inutilisarão se nas primeiras eleições que houver, a opposição não concorrer á urna, como tem dito nos seus jornaes.

Diz-se que a reforma da lei eleitoral que está na forja, acabará com a representação das minorias e portanto acabará com as accordos.

Se assim fór será este o meio de dar vida aos partidos e de voltarmos aos antigos tempos em que os campos se extremavam e havia verdadeira lucta.

E' um sinapismo que talvez produza effeito n'este corpo atordido e podre da politica portugueza.

Entretanto a desmoralisação vaee lavrando e aproveitando todos os meios, mesmo os mais ignobeis, para desacreditar o paiz, exportando para as folhas estrangeiras, criticas apaixonadas e pouco de molde a levantarem os creditos da nação.

É assim que *Le Matin* em um dos seus ultimos numeros publica, na revista financeira, uma violenta diatribe contra as finanças portuguezas, transparecendo no que ali se diz, o que se passou nas ultimas assembleas do Banco de Portugal sobre o contracto d'este estabelecimento com o governo, a que nos referimos em a nossa ultima revista.

O que se diz na tal revista financeira foi evidentemente enviado de Lisboa, o que é triste reconhecer, tanto mais pondo em jogo o primeiro estabelecimento de credito do paiz.

As praxes da boa politica vão estando cada vez mais despresadas no nosso paiz, e como não fosse bastante desacreditarmos de portas a dentro, vamos exportando para o estrangeiro, em vez dos nossos vinhos e azeites, as nossas miserias caseiras, com uma insensatez criminosa que redundada em prejuizo de todos.

Para nos alegrarmos, porém, d'estas tristezas tivemos em Lisboa o rei do Congo que veio visitar o rei de Portugal e tratar-se de uma doença que o deteve no hospital de marinha.

O rei D. Alvaro foi melhor dos seus achaques e exhibiu-se por essa Lisboa, nos theatros e nos passeios, com grande gaudio do publico que dá o cavaquinho por estes reis pretos.

O sr. ministro do reino tem muito boas idéas e esta de nos dar D. Alvaro de envolto com o novo codigo administrativo, é das melhores.

Mais algumas distrações para entreter a imaginação indigena, e venha de lá a reforma eleitoral.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Arte portugueza, revista mensal, director litterario Gabriel Pereira e director artistico Cazanova.

Representa esta revista um forte impulso dado a favor da determinação das correntes litterario-artisticas, que entre nós se manifestam. Apresentando a archeologia, pelo lado artistico ameniza-a de modo a tornal-a agradável e interessante. É no interesse que tende a despertar que, esta publicação evidencia o seu merito; o programma a que visa, assáz completo na especialidade, a competencia do erudito que a dirige, são factores que, alliados á esplendida forma externa, material e artistica, constituem na *Arte portugueza*, a melhor publicação no seu genero, e que vem prestar um bom serviço, ao paiz e á arte nacional.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37